

CURUPAITI: DESCAMINHOS DA TRÍPLICE ALIANÇA EM UM EPISÓDIO DA GUERRA DO PARAGUAI PELA TEORIA DE CLAUSEWITZ¹

CURUPAITI: THE WRONG PATHS OF THE TRIPLE ALLIANCE IN AN EPISODE OF THE WAR OF PARAGUAY BY CLAUSEWITZ'S THEORY

Pedro Paris Freitas de Oliveira²
Franco Baptista Sandanello³

RESUMO

O Brasil participou, no século XIX, de um dos conflitos mais sangrentos de toda a sua história. A Guerra do Paraguai foi o maior conflito da América Latina e seus resultados trouxeram consequências para todos os países que participaram do combate. O presente trabalho terá como finalidade apresentar brevemente a Guerra do Paraguai, em especial a Batalha de Curupaiti, e entender quais circunstâncias levaram à derrota da Tríplice Aliança em tal evento, observando os fatos pela ótica de Clausewitz. O objetivo deste estudo é expor os fatores que foram essenciais ao exército do Paraguai para que fosse possível vencer essa batalha, mesmo com equipamentos de qualidade inferior em especificações técnicas, e evidenciará, também, algumas das causas da desvantagem da Tríplice Aliança na ocasião, apresentando os armamentos utilizados pelos combatentes e suas características, bem como as estratégias e táticas envolvidas no conflito. A metodologia utilizada foi a comparação entre a literatura disponibilizada acerca do tema, visando verificar diferentes documentos relacionados à Guerra do Paraguai.

Palavras-chave: Tríplice Aliança; Batalha de Curupaiti; Derrota; Clausewitz.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Formação de Oficiais Aviadores

² Cadete Aviador do 4º Esquadrão (Turma Orthrus, 2020)

³ Professor Dr. em Estudos Literários. Academia da Força Aérea. E-mail: fbsandanello@gmail.com

ABSTRACT

In the 19th century, Brazil participated in one of the bloodiest conflicts in its history. The Paraguayan War was the largest conflict in Latin America, and its results had consequences for all the countries that participated in the combat. The purpose of this work is to present a brief overview of the Paraguayan War, especially the Battle of Curupayty, and to understand the circumstances that led to the Triple Alliance's defeat in that event, looking into the facts by Clausewitz's view. The objective of this study is to expose the essential factors that allowed the Paraguayan army to win this battle, even with inferior equipment in technical specifications. It will also highlight some of the causes of the Triple Alliance's disadvantage on that occasion, presenting the weapons used by the combatants and their characteristics, as well as the strategies and tactics involved in the conflict. The methodology used was a comparison between the literature available on the subject, aiming to verify different documents related to the Paraguayan War.

Keywords: Triple Alliance; Battle of Curupaiti; Defeat; Clausewitz.

INTRODUÇÃO

A guerra é um dos assuntos de Estado mais importantes. É o lugar onde a vida e a morte são encontradas. Este é o caminho da salvação ou da vergonha do Estado. Conseqüentemente, o Estado deve considerar cuidadosamente essa questão antes de iniciar uma guerra (SUN TZU, 500 A.C.). Em sua maioria, as guerras são sempre marcadas por altas taxas de mortalidade e violência, e têm por finalidade a imposição das vontades de uma nação sobre outra (CLAUSEWITZ, 2010).

Doratioto (2002) explica que entre dezembro de 1864 e março de 1870, o Cone Sul da América Latina foi submergido em um conflito armado que envolveu quatro dos cinco países do limite do hemisfério, tendo este conflito durado mais de cinco anos.

O Brasil fez parte da chamada Tríplice Aliança, formada também pela Argentina e pelo Uruguai. A Guerra do Paraguai, como ficou conhecida no Brasil, ocorreu no século XIX e é um dos conflitos mais sangrentos que envolve a história militar brasileira. O conflito foi o maior da América Latina e seus resultados trouxeram conseqüências para todos os países que participaram do combate, sendo este essencial para a formação dos Estados da forma que existem hoje (DORATIOTO, 2002). Para Araújo (2013), a guerra contribuiu, inclusive, para abalar as estruturas sociais, políticas e econômicas da monarquia brasileira, corroborando para seu fim.

Em meados de 1866 ocorreu a Batalha de Curupaiti⁴, a qual representou uma das maiores derrotas dos Aliados na Guerra (FERREIRA, 2017). Comandados por Bartolomé Mitre, foi coordenado um ataque ao Forte de Curupaiti, culminando no que os historiadores consideram como “o maior fracasso da Tríplice Aliança” (FERREIRA, 2017).

Dentre as inúmeras campanhas realizadas durante a Guerra do Paraguai, este trabalho escolheu analisar a Batalha de Curupaiti devido à significativa derrota da Tríplice Aliança nesse confronto específico. O objetivo é investigar os fatores que contribuíram para o fracasso dos aliados, destacando características essenciais dos armamentos e do terreno. As fortificações paraguaias, incluindo um intrincado sistema de trincheiras e defesas naturais, juntamente com o uso eficiente dos armamentos pelos paraguaios e o terreno favorável, foram fatores determinantes para a derrota das forças aliadas. Portanto, ao examinar os elementos que levaram à derrota da Tríplice Aliança nessa batalha específica, será possível obter uma compreensão mais aprofundada das estratégias empregadas e das lições aprendidas durante a Guerra do Paraguai, buscando responder a seguinte pergunta: Quais fatores contribuíram para a derrota da Tríplice Aliança na Batalha de Curupaiti?

1 CONTEXTO GERAL DA GUERRA DO PARAGUAI

A independência paraguaia foi formalmente proclamada em meados de 1842. Em 28 de dezembro do mesmo ano, Carlos López, presidente do país à época, solicitou ao Brasil o reconhecimento da independência paraguaia. Em 1844, chegou a Assunção o primeiro encarregado de negócios brasileiro, José Antonio Pimenta Bueno, instruído a assinar com o governo de López um tratado que permitisse a comunicação com Mato Grosso, por meio da livre navegação dos rios compartilhados pelos dois países (DORATIOTO, 2002).

O Império do Brasil reconheceu a independência paraguaia apenas em 1844 e, ao ser o primeiro país a fazê-lo, comprometeu-se também a utilizar suas representações diplomáticas para que outras nações fizessem o mesmo (DORATIOTO, 2002).

A Argentina era vista pela diplomacia brasileira como uma ameaça à independência do Paraguai e do Uruguai, uma vez que a existência desses dois Estados era a garantia de que os rios platinos não seriam monopolizados pela Argentina, o que seria uma ameaça à sua livre

⁴ Curupaiti foi uma fortaleza militar localizada no Paraguai durante a Guerra do Paraguai. A fortaleza de Curupaiti ficava às margens do rio Paraguai, perto de Assunção, e desempenhou um papel importante na defesa do Paraguai durante o conflito.

navegação.

Anos após a independência paraguaia, durante a década de 1850, Carlos López dificultou a livre navegação do rio Paraguai por navios brasileiros, fazendo com que a fronteira entre os dois países ficasse no rio Branco. Como a navegação era vital para o Império, este passou a ameaçar o Paraguai com uma guerra. Após as ameaças, o governo paraguaio cedeu e assinou em 1856 um tratado em que garantia a livre navegação do Império e adiou por seis anos a questão das fronteiras, mantendo-se o território contestado entre os rios Apa e Branco (DORATIOTO, 2002).

Entretanto, embora o acordo supracitado tenha sido assinado, o governo paraguaio continuou a dificultar a navegação brasileira, desta vez, por meio de regulamentos. Por outro lado, o Império não havia descartado a possibilidade de um conflito entre os países, de forma a se preparar para o mesmo, com a compra de materiais bélicos para o Brasil e o direcionamento de tropas do Exército para a cidade de Cuiabá (DORATIOTO, 2002).

Em 1857, Joaquim Thomaz do Amaral, conselheiro do Império, foi enviado à Assunção, porém não conseguiu alterar a regulamentação que limitava a navegação (DORATIOTO, 2002). Por isso, José Maria da Silva Paranhos, ministro dos Negócios Estrangeiros, que mais tarde tornar-se-ia o visconde do Rio Branco, foi ao Paraguai em setembro do mesmo ano, mas não sem antes assegurar a neutralidade do Império, em Buenos Aires, no que era relativo às divergências entre o Estado de Buenos Aires e a Confederação⁵, e em Paraná assinar um acordo para a extradição de criminosos com a Confederação e regulamentar, em outro acordo firmado, a navegação e o comércio pelos rios pertencentes aos dois países (DORATIOTO, 2002). Mesmo sem uma aliança militar, existia um protocolo reservado que possibilitava a cooperação entre Paraná e Rio de Janeiro em eventual conflito contra o Paraguai (DORATIOTO, 2002).

Doratioto (2002) conta que Paranhos chegou a Assunção em 7 de janeiro de 1858, onde já haviam rumores do supracitado protocolo, levando Carlos López a acatar as ambições brasileiras referentes à navegação. Com isso, o governo paraguaio ganhou tempo para preparar seu país para uma luta contra os países vizinhos, pois Os López já tinham convicção de que o Brasil e a Argentina, mesmo com suas rivalidades, unir-se-iam para guerrear contra o Paraguai.

⁵ Doratioto (2002) explica que 13 províncias assinaram a Constituição de 1852, enquanto Buenos Aires recusou-se, criando sua própria constituição, o que gerou duas unidades políticas independentes entre si: a Confederação Argentina, sediada em Paraná, e o Estado de Buenos Aires.

Francisco Solano López, ministro da guerra, reuniu em Assunção, em 6 de fevereiro de 1862, os chefes militares de todo o país, reunião na qual foi elaborado um “orçamento de gastos com a guerra”, além de iniciar uma mobilização militar, convocando todos os cidadãos entre dezessete e quarenta anos de idade para o serviço militar (DORATIOTO, 2002).

O Império do Brasil, com interesses políticos no Uruguai, apoiou os Colorados contra os Blancos⁶, em disputa interna no Uruguai pelo poder. Atanázio Cruz Aguirre, então presidente do país, esperava apoio por parte de Solano López, enquanto Venâncio Flores recebeu ajuda do Brasil, o que culminou na ascensão de Flores ao poder, em 1865. Tal fato foi importante para que, mais tarde, o Uruguai se unisse à Tríplice Aliança.

Doratioto (2002) explica que durante a primeira metade da década de 1860, o governo do Paraguai, presidido por Francisco Solano López, procurou participar ativamente dos acontecimentos da região platina, apoiando o governo uruguaio de Aguirre contra as hostilidades da Argentina e do Império do Brasil, que apoiavam Flores. Como resultado, o Paraguai entrou em discordância com seus dois maiores vizinhos, e Solano López acabou ordenando a invasão de Mato Grosso e Corrientes e iniciou uma guerra que teve duração de cinco anos.

O ano de 1862 foi um divisor de águas. No Paraguai, Francisco Solano López ascendeu ao poder. A Argentina unificou-se sob a liderança de Buenos Aires, e no Brasil o partido conservador foi substituído pelo partido liberal no governo. A partir de 1864, houve uma acelerada deterioração das relações do Paraguai tanto com a Argentina quanto com o Império do Brasil, impulsionada pela ação brasileira no Uruguai, que se uniram para enfrentar Solano López, dando início à chamada Guerra do Paraguai. Mais tarde, em maio de 1865, foi firmada a Tríplice Aliança, composta pelo Brasil, Argentina e Uruguai (DORATIOTO, 2002)

1.1 A BATALHA DE CURUPAITI E A DERROTA DOS ALIADOS

A Guerra do Paraguai foi marcada por diversos conflitos, dos quais se pode obter conhecimentos e lições importantes acerca da importância de um bom preparo e planejamento, conforme explica Gonçalves (2009, p. 6).

⁶ Partidos opostos que disputavam o poder no Uruguai. O apoio brasileiro aos Colorados favoreceu, mais tarde, a unificação do Uruguai à Tríplice Aliança.

A Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) encontra-se dentro do contexto da Segunda Revolução Industrial. Tal fato levou muitos historiadores a suporem que este seria um conflito moderno, marcado pelas inovações tecnológicas da época, tais como: mosquetes e artilharia raiados, balões, telégrafos, guerra de trincheiras. Contudo, tais inovações tiveram um impacto muito mais tímido do que se supõe, pois os soldados aliados, mais especificamente os brasileiros, não eram bem treinados para extraírem o melhor de seus equipamentos, especialmente as armas portáteis.

Uma grande derrota das tropas aliadas (nesta batalha, brasileiros e argentinos) para as tropas paraguaias foi a batalha do Curupaiti, ocorrida em 22 de setembro de 1866. Para Gonçalves (2009), pode-se compreender esse combate como uma clara demonstração da superioridade de uma operação defensiva entrincheirada sobre o assalto frontal, ainda que os defensores não possuam equipamentos e armamentos de qualidade superior às tropas assaltantes.

Curupaiti era uma posição de grande importância para o Paraguai, visto que se os aliados tomassem o território, ficariam à retaguarda do restante do exército paraguaio. Por isso, Solano López emitiu ordens para o engenheiro inglês George Thompson construir uma trincheira consistente, de forma a reforçar a posição de Curupaiti, com 5000 homens em posição estratégica e muita artilharia (GONÇALVES, 2009). López convidou o presidente argentino, Mitre, para uma conferência a respeito de um acordo de paz, acordo este que foi recusado pelo comandante aliado. A conferência objetivava, para López, o ganho de tempo para que as obras nas trincheiras fossem concluídas.

Disputas políticas entre os comandantes aliados fizeram com que o ataque a Curupaiti fosse postergado até 17 de setembro de 1866. Devido à intensas chuvas na região, o ataque somente foi realizado no dia 22 do mesmo mês, o que possibilitou que a defesa paraguaia concluísse as obras em Curupaiti, tendo sido finalizadas no dia anterior ao ataque (GONÇALVES, 2009).

No dia 22 de setembro de 1866, vários fatores contribuíram para que os Aliados fossem derrotados. Dessa forma, não se pode concluir que a derrota ocorreu apenas em razão de conflitos políticos entre os comandantes aliados (GONÇALVES, 2009). A posição ocupada por Curupaiti já detinha elementos naturais que a tornavam favorável para os defensores, como por exemplo seu terreno elevado. Além disso, o terreno para chegar até Curupaiti estava encharcado em decorrência das chuvas recentes. Por fim, erros das tropas

aliadas, como a realização de um reconhecimento superficial, foram fatores que contribuíram grandemente para a vitória do Paraguai nessa batalha (GONÇALVES, 2009).

1.2 MÉTODOS DE ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO

A metodologia consiste na análise das literaturas acerca da Guerra do Paraguai e de suas campanhas. A pesquisa é do tipo bibliográfica e documental, e utiliza documentos e artigos publicados por autores e estudiosos relacionados ao tema proposto. As fontes foram escolhidas de forma a apresentarem dados concisos por meio de documentos, como as cartas da época e livros que contêm informações relevantes sobre o tema, como o livro “Maldita Guerra”, que contextualiza e detalha aspectos do conflito, e o artigo “Operações De Defesa Paraguaia Na Batalha Da Tríplice Aliança: Um Enfoque em ‘Curupaity’”, utilizando textos de Carl Von Clausewitz para balizar as interpretações dos ocorridos. Dessa forma, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema escolhido, de maneira a apresentar os dados por meio de citações e considerações sobre os acontecimentos e dados constantes nas fontes utilizadas.

2 ASPECTOS RELEVANTES

2.1 ARMAMENTOS UTILIZADOS PELO EXÉRCITO BRASILEIRO NA BATALHA DE CURUPAITI

Manuel Felizardo, então ministro da guerra, decide que é necessário uma medida modernizadora em relação aos armamentos, o que pode ser observado no Relatório do Ministro da Guerra do ano de 1858 (GONÇALVES, 2012, p. 259).

[...] que todo esse armamento de fuzil seja substituído por armamento fulminante, fazendo substituir desde logo alguma porção, que já existia no arsenal da corte, mandado transformar para fulminantes todas as armas de fuzil existentes em bom estado e, finalmente, fazendo encomendas para a Europa. Por este modo a substituição irá efetuando-se sucessivamente. Além desta espécie de armamento, encomendei mais para a Europa porção eficiente de armamento raiado e de precisão à Minié, com o qual serão armadas companhias de escolha de cada regimento ou batalhão, ou mesmo

corpos inteiros. Este armamento à Minié é destinado a servir, de preferência, nos tempos de guerra, podendo servir nos tempos ordinários o armamento comum.

Ao início da Guerra do Paraguai, o exército brasileiro já estava equipado com armamentos modernos. Foram adquiridos 27.000 fuzis e carabinas raiados, 85 canhões igualmente raiados e 17.000 projéteis cilíndricos de artilharia (GONÇALVES, 2012). A infantaria utilizava espingardas longas, modelo Minié ou Enfield, e a infantaria leve utilizava carabinas mais curtas que as espingardas utilizadas pela infantaria pesada. A cavalaria estava equipada com carabinas e lanças, e, por sua vez, a artilharia possuía canhões La Hitte (CASTRO, 2008). Vale ressaltar que, diferentemente dos dias atuais, os armamentos não eram padronizados, o que gerava grande dificuldade logística e operacional. Por isso, foram utilizados diferentes tipos de armamento no conflito, em maior ou menor quantidade.



Figura 1 Carabina Minié

Fonte: Foto de colecionador particular⁷



⁷ Disponível em: <https://armasonline.org/armas-on-line/as-armas-do-brasil-na-guerra-do-paraguai/>

Figura 2 Mosquete Enfield

Fonte: Royal Museums Greenwich

Em seu livro *História Militar do Brasil*, Barroso (1935) mostra que, durante o segundo reinado, o exército Brasileiro estava equipado da seguinte forma: infantaria de linha e fuzileiros utilizavam espingardas de ação fulminante, Minié, de várias marcas, raiadas e não raiadas, de calibre de 16mm, 14,8mm e 14mm, com baioneta triangular; sabres curvos de copos abertos para os oficiais, além de pistolas de ação fulminante de calibre 14mm, revólveres Colt de 10,7mm, e Lefauchaux de 10,8mm; infantaria ligeira, caçadores a pé utilizavam carabinas de ação fulminante, Minié, de várias marcas e calibres, com sabres baionetas; cavalaria possuía carabinas de ação fulminante, Minié, de várias marcas e adarnes, sabres curvos, grandes, de copos abertos, revólveres Colt e Lefauchaux, pistolas de ação Minié e lanças; artilharia dispunha de canhões raiados La Hitte, Paixhans e Withworth, de calibre variando entre 90 e 130mm de carregar pela boca.

Neto (2012) explica que as tropas argentinas, no início do conflito, utilizavam armamentos oriundos da Espanha, como os mosquetes de pederneira de 1777, utilizados apenas em poucas quantidades. Em 1865, após testes na linha de frente com alguns fuzis ingleses Enfield, os mesmos utilizados pelo Brasil, foi realizada uma grande aquisição dessas armas, além de carabinas Spencer e Sharp, norte-americanas, e o também norte-americano Springfield 1861 de alma raiada (Minié), vendidos pelos americanos após a Guerra Civil (NETO, 2012).

O armamento Minié trouxe diversas vantagens para a infantaria brasileira e argentina durante a guerra, e, conseqüentemente, durante a batalha de Curupaiti. Primeiramente, sua precisão era superior às armas de pederneira usadas em grande quantidade pelos paraguaios, que possuíam pouco armamento raiado, como pode ser observado no seguinte trecho escrito pelo visconde de Pelotas no *Relatório do Ministério da Guerra* do ano de 1871 ao término do conflito: “[...] Os paraguaios dispunham apenas de dois corpos armados com carabinas raiadas, e então algumas vezes tiramos vantagem de nossas armas, a que opunham as antigas espingardas lisas [...]”. Para Neto (2012), isso permitia aos soldados brasileiros disparar a longas distâncias com maior eficácia. Outra vantagem importante era a maior capacidade de penetração do projétil Minié em comparação com os projéteis redondos de chumbo, o que

proporcionava maior efetividade em combates em terreno acidentado ou coberto por vegetação densa. Além disso, o uso de projéteis Minié reduzia o recuo da arma, o que facilitava o uso por soldados menos experientes.

Entretanto, houve certa resistência por parte do corpo de oficiais, não preparado para a introdução de equipamentos de funcionamento marcadamente diverso do anterior usado, além do próprio método de treinamento das tropas, em que os sargentos e cabos eram responsáveis por treinar os soldados recém-incorporados (CASTRO, 2008). Cerqueira, em *Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870*, diz que pelo menos antes de 1866, o treinamento dos soldados era baseado em manobras de linhas e colunas. Como resultado, os soldados de infantaria brasileiros não sabiam aproveitar as largas vantagens de maior alcance e precisão de seu armamento (GONÇALVES, 2012). Tal fato fez com que o uso dos modernos armamentos não fosse adequado, extraindo-se pouca vantagem em relação aos armamentos paraguaios, que ainda eram de alma lisa e de baixo alcance. Apenas sob a liderança de Caxias, posteriormente à batalha de Curupaiti, houve tentativa de emprego de uma nova doutrina em relação ao avanço operacional dos armamentos, tentativa essa que foi fracassada, resultando na manutenção das técnicas ultrapassadas de combate (CASTRO, 2008).

Finalmente, com a participação de conde d'Eu, em 1869, houve uma mudança no emprego do armamento por parte das tropas brasileiras, devido a seu contato anterior com armamentos modernos na Europa (CASTRO, 2008).

Fica evidente, então, que, apesar dos novos armamentos, com especificações técnicas superiores aos equipamentos utilizados pelo Exército do Paraguai, o emprego adotado pelas forças do Exército Brasileiro e Argentino, presentes na referida batalha, não foi capaz de gerar uma vantagem considerável que levasse ao sobrepujamento das estratégias de defesa utilizadas pelo Paraguai em Curupaiti.

2.2 O TERRENO EM CURUPAITI

A geografia e o terreno podem influenciar as operações militares de três formas: como uma barreira que dificulta a aproximação, como um obstáculo que prejudica a visibilidade e como uma proteção contra o fogo inimigo (CLAUSEWITZ, 2010).

Curupaiti era um forte localizado na margem leste do rio Paraguai, e tinha o propósito de proteger Humaitá, centro do sistema defensivo de Solano López, que vedava a navegação

naquele rio, contra a aproximação da esquadra imperial (GONÇALVES, 2009). Estava assentado em um terreno muito elevado, o que garantia enorme vantagem militar para seus defensores. Possuía 13 canhões dispostos paralelamente ao rio, além de uma trincheira de 900 metros que se estendia a leste, até a lagoa Mendez. A imagem abaixo, ilustrada por Cândido Lopez, que combateu em Curupaiti, é capaz de elucidar a disposição do campo de batalha:



Figura 3 Assalto da Primeira coluna brasileira à Curupaiti

LÓPEZ, Cândido. **Assalto da primeira coluna brasileira à Curupaiti**. 1897. Óleo sobre tela.

No dia da batalha, 22 de setembro de 1866, a trincheira estava guarnecida por 5.000 homens e 36 peças de artilharia. Outros autores, como Doratioto (2002, p. 243), citam que havia 90 canhões, além de dois quilômetros de trincheira, com um fosso de dois metros de altura e quatro metros de largura, e um muro com dois metros de altura. Contava também com uma trincheira que lhe cobria a frente, e entre ela e a trincheira principal, uma enorme linha de troncos de árvores com os galhos voltados na direção dos atacantes, chamadas abatisses, o que dificultava muito o acesso a Curupaiti. Além disso, o terreno ao redor era alagadiço e de pouco conhecimento das tropas aliadas. (GONÇALVES, 2009). Para Clausewitz (2010), devido à sua própria essência, acampamentos fortificados podem ser defendidos por um número reduzido de soldados. Ademais, se as barreiras naturais forem favoráveis e as fortificações estiverem bem construídas, esses acampamentos têm a capacidade de resistir a um grande número de atacantes.

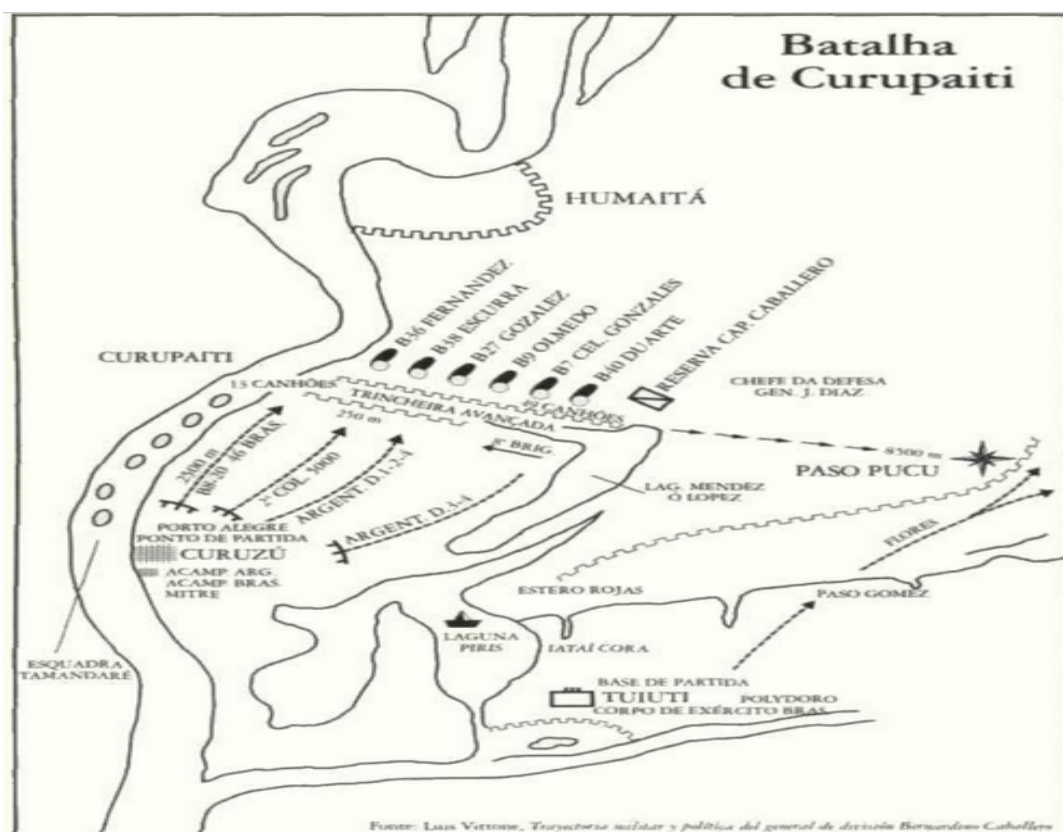


Figura 4 Disposição estratégica

Fonte: DORATIOTO, 2002, P.306

2.3 O ATAQUE E A DERROTA EM CURUPAITI

Uma das maiores vitórias obtidas pelo exército guarani sobre os Aliados (brasileiros e argentinos) foi a batalha de Curupaiti, ocorrida em 22 de setembro de 1866. Esse é um bom exemplo de como as características do terreno, o posicionamento dos defensores e os erros de execução por parte do ataque podem prejudicar toda uma operação, para além de qualquer superioridade de equipamentos (GONÇALVES, 2009).

Ainda segundo Gonçalves (2009), o presidente paraguaio Francisco Solano López havia ordenado que a posição de Curupaiti fosse reforçada em meados de setembro. A ordem incluía a construção de uma trincheira mais robusta, o envio de 5.000 soldados e de uma grande quantidade de artilharia para o local. O motivo por trás dessas medidas era a

preocupação de que, se os exércitos aliados conseguissem tomar Curupaiti, isso colocaria o restante do exército paraguaio em uma posição vulnerável, com os inimigos em sua retaguarda.

Com o objetivo de ganhar tempo para a conclusão das obras em Curupaiti, o presidente paraguaio Francisco Solano López convida o presidente argentino e comandante supremo das forças aliadas no Paraguai, Bartolomé Mitre, para uma conferência de paz em Yatayty-Corá, em 12 de setembro. Após a reunião, Mitre levou dois dias para responder negativamente às propostas de paz do presidente paraguaio. No entanto, a intensa chuva que começou em 17 de setembro levou os aliados a adiarem o ataque. Essa chuva acabou favorecendo os paraguaios, que conseguiram concluir suas novas defesas em Curupaiti um dia antes do ataque aliado (GONÇALVES, 2009). Entre 11 e 13 de setembro, Mitre transferiu-se com 11.000 homens, sendo 9.000 argentinos e uma brigada de 2.000 brasileiros, além de 12 peças de artilharia, para Curuzu, posição próxima a Curupaiti, que havia sido conquistada pelas forças da Tríplice Aliança poucos dias antes.

Doratioto (2002) explica que o ataque a Curupaiti teve início no dia 22, e, conforme planejado, começou com um bombardeio da esquadra comandada por Tamandaré. Devido à altura das fortificações, superior a nove metros, e ao ângulo utilizado para a realização dos tiros, os disparos dos navios não estavam atingindo a posição desejada. Tal fato fez com que os disparos caíssem atrás das linhas inimigas, sem o conhecimento de Tamandaré. Devido a esse desconhecimento, e à ideia de que as defesas já haviam sido suficientemente danificadas, a esquadra deu o sinal para que as forças terrestres iniciassem seu ataque. Após 12 horas, 20 mil aliados avançaram em quatro colunas paralelas. O deslocamento das tropas foi retardado pela área alagada pelas chuvas e pela artilharia paraguaia, que supostamente havia sido destruída pela esquadra de Tamandaré.

Por conta de um reconhecimento inadequado, soldados enviados por Mitre para verificar a situação da tropa brasileira retornaram reportando que a trincheira havia sido tomada. Tal fato não era real, pois esses soldados confundiram a trincheira principal com o primeiro fosso, que já havia sido ultrapassado. Mitre, então, envia um segundo ataque, composto por argentinos, baseado em informações equivocadas acerca da situação aliada nas trincheiras, com o intuito de auxiliar as tropas que ele acreditava terem tomado as trincheiras.

Doratioto (2002) argumenta que por uma sucessão de erros estratégicos, como podem ser interpretados sob a ótica da filosofia de Clausewitz (2010), e de informações, que não

correspondiam à realidade, as forças aliadas sofreram uma grande derrota, recuando de Curupaiti. Após horas de luta, os soldados aliados começaram a fugir de Curupaiti, quando então Mitre envia forças reservas, que estavam escondidas em montes, e que também não foram suficientes para vencer a defesa paraguaia. Para Clausewitz (2010), uma força que está sendo derrotada não deve enviar reforços, sem antes reorganizar-se para novo ataque. Ao observar a ação de Mitre sob essa perspectiva, pode-se perceber um equívoco em sua decisão.

Clausewitz (2010) explica que é extremamente desaconselhável lançar um ataque contra uma posição entrincheirada. Essa medida só deve ser considerada caso as defesas tenham sido montadas às pressas e deixadas incompletas, o que não foi o caso em Curupaiti.

Especula-se que, se o ataque tivesse ocorrido no dia 17, conforme planejado, as forças aliadas teriam um resultado favorável, visto que as trincheiras ainda não estariam concluídas, e o terreno não estaria encharcado. A esquadra não poderia ser utilizada, devido ao mau tempo; porém vale ressaltar que o efeito causado por ela no dia 22 foi praticamente nulo. O que de fato comprometeu o desempenho da esquadra não foram as condições meteorológicas, e sim o desconhecimento das posições paraguaias. Ao pôr do sol, Mitre ordena o toque de retirada, oficializando a derrota já consumada (DORATIOTO, 2002).

É interessante apresentar o desfecho, escrito por Doratioto (2002, p. 245), acerca das perdas em Curupaiti:

As estatísticas oficiais, normalmente citadas por historiadores da Argentina e do Brasil, indicam que no ataque a Curupaiti os brasileiros tiveram 2011 homens fora de combate, dos quais 411 mortos, enquanto os argentinos tiveram 1357 baixas, das quais 587 mortos. O coronel brasileiro Cláudio Moreira Bento, porém, ao escrever em 1982, fala em 4 mil soldados imperiais mortos, número repetido por um observador neutro, o representante espanhol em Buenos Aires em 1866. Azevedo Pimentel, participante do combate, diz que foram 2 mil mortos brasileiros e outros 2 mil argentinos. Os paraguaios perderam 54 homens segundo Thompson, que afirma terem as perdas aliadas chegado a 9 mil homens enquanto para Centurión apenas os mortos aliados seriam de 5 mil. José Maria Rosa e Arturo Bray chegam ao extremo oposto dos números oficiais argentinos e brasileiros, e afirmam que foi de 10 mil o número de atacantes mortos.

3 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos aprendizados podem ser tomados quando se observa a batalha de Curupaiti. Inicialmente, fica evidente que o mau uso das tecnologias disponíveis pelas forças aliadas

acarretou um baixo aproveitamento da capacidade operacional máxima que poderia ser utilizada. Os armamentos com maior alcance e precisão dos aliados, utilizados por soldados preparados de forma inadequada para o aproveitamento de suas novas capacidades, representou um fator de grande influência na derrota aliada. Para Clausewitz (2010), a evolução das armas de fogo possibilitou uma melhor distribuição dos soldados no campo de batalha, porém exigiu uma maior competência e maior preparo por parte das tropas.

Além disso, o reconhecimento inadequado por parte das tropas atacantes se mostra como um divisor de águas na referida batalha. Por conta dessa falha, a esquadra de Tamandaré não foi capaz de danificar as defesas paraguaias, conforme planejado, o que dificultou muito a ação das tropas terrestres, que enfrentaram um terreno desconhecido e uma defesa inimiga praticamente incólume.

O fator mais decisivo, quando se analisa a batalha sob a ótica de Clausewitz (2010) foi o fato de que a posição dos defensores era muito privilegiada, com o seu terreno elevado e alagadiço, e suas trincheiras, que conforme filosofia desse autor, não devem ser atacadas, a não ser que não estejam prontas, o que não foi observado em Curupaiti.

Pode-se ainda ressaltar a informação errada transmitida pelos soldados imbuídos da missão de verificar as primeiras tropas atacantes, o que também não foge ao fato de que houve um reconhecimento deficiente do terreno. Graças a essa informação, a segunda leva de atacantes partiu para a batalha, esperando encontrar uma situação favorável, porém não foi o que se sucedeu.

Em todo caso, após a “Névoa da Guerra” ser dissipada, torna-se fácil evidenciar erros e acertos. Durante o conflito, frente às situações adversas, ao desconhecimento total ou parcial do que o inimigo pode fazer, ao terror e às incertezas, é natural que ocorram falhas. Cabe, portanto, às gerações vindouras o estudo do que se passou, de forma a evitar que sejam repetidos os erros, e é a isso que se propõe esse trabalho.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Gustavo. **História militar do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

CASTRO, Adler Homero de. **Notas sobre o armamento na Guerra do Paraguai**.

Disponível em:

<http://bndigital.bn.br/guerradoparaguai/artigos/Adler%20Armamento%20da%20Guerra%20do%20Paraguai.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2023

CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010

DE ARAÚJO, Tiago Gomes. **A identidade nacional brasileira na Guerra do Paraguai (1864-1870)**. Rio de Janeiro: Ar Editora, 2013.

DORATIOTO, F. **Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERREIRA, R. V. B. Operações de defesa paraguaia na Batalha da Tríplice Aliança: um enfoque em Curupaity. **O Adjunto: Revista Pedagógica da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas**, v. 5, n. 1, p. 51-57, 1 dez. 2017. Disponível em:

<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/adj>

GONÇALVES, L. J. C. **Tática do exército brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868**. Orientador: Prof. Dr. Héctor Luis Saint-Pierre. 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social Franca, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2009. Disponível em:

<https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-145128/tatica-do-exercito-brasileiro-na-guerra-do-paraguai-entre-1866-e-1868>

GONÇALVES, L. J. C. **O armamento da infantaria brasileira na guerra do Paraguai entre 1866 e 1868: revolução modernizadora ou ditadura dos costumes?**. Revista

Brasileira de Estudos Estratégicos Ed. Nº4, 2012. Disponível em:

<http://www.rest.uff.br/index.php/rest/article/viewFile/44/40>

Acesso em: 07 abr. 2023

IZECKSOHN, V. **O cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do Exército**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1997.

LIMA, L. O. **Guerra do Paraguai**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2016.

MAESTRI, M. **Cartas desde o front da guerra do Paraguai**. Revista Territórios e Fronteiras, v. 2, n. 1, p. 118-127, 2009.

MILANESI, D. A. Sobre a Guerra do Paraguai. **Revista Urutágua, revista acadêmica multidisciplinar**, n. 05, 2004

NETO, C. F. P. **As armas do Brasil na guerra do Paraguai**. Armas On-line, 2012.

Disponível em:

<https://armasonline.org/armas-on-line/as-armas-do-brasil-na-guerra-do-paraguai/>. Acesso em:

04 abr. 2023.

BRASIL. **Relatórios do Ministério da Guerra apresentados à Assembléia Geral do Império**, 1858.

SUN TZU. **A Arte da Guerra**. Tradução de Sérgio Coutinho. São Paulo: Martins Fontes, 2019